

## APRESENTAÇÃO

### Olhares, vozes e debates sobre a infância no século XX: o “Século da Criança”

Povoando a imaginação humana em distintas temporalidades, ainda que não necessariamente enclausurados no moderno conceito de infância e juventude, as crianças e os jovens não se fizeram invisíveis. Presentes numa infinidade de registros, consequência da importância que lhes foram [e são] atribuídas na esfera social, capturar as ações e as vozes desses sujeitos tornou-se um dos grandes desafios da historiografia hodierna, sobretudo a partir das indagações encetadas pelo pensamento social no século XX: período que a escritora sueca Ellen Key, logo em 1900, profetizou como o “Século da Criança”.<sup>1</sup>

Explorando uma infinidade de fontes e manejando múltiplos métodos, as autoras e os autores aqui reunidos, nesta segunda parte do dossiê História da Infância e da Juventude, trazem importantes interpretações acerca, sobretudo, das representações que a infância e a juventude receberam em diversos meios ao longo dos novecentos.

Abrindo o dossiê com um balanço historiográfico sobre a infância, com especial atenção à obra de Philippe Ariès, *História Social da Criança e da Família*, Douglas de Araújo Ramos Braga - mestre em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz -, no artigo *A infância como objeto da história: um balanço historiográfico*, sinaliza a amplitude desse campo de estudos, que alavancou-se com as renovações epistemológicas do século XX, e sua relação particular com as pesquisas sobre história da medicina e da saúde infantil. Também mirando os estudos empreendidos no século supracitado, Ricardo Peres da Costa, licenciado em Filosofia, mestre e doutorando em Serviço

1 Cf. SANDIN, B. Imagens em conflito: infâncias em mudança e o estado de bem-estar social na Suécia. Reflexões sobre o século da criança. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 19, n. 37, 1999. p.16.

Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina, no texto *Gilberto Freyre e a infância no Brasil patriarcal*, analisa as diversas concepções de infância presentes na produção intelectual de Gilberto Freyre.

Pedro Paulo Lima Barbosa, doutorando em História Social pela UNESP/campus de Assis, por sua vez, em *O trabalho dos menores no Decreto 1.313 de 17 de janeiro de 1891*, apresenta e discute o panorama e a natureza das discussões realizadas, na transição do século XIX para o XX, sobre a legislação nascente e as condições de trabalho das crianças, sobretudo no âmbito industrial, no limiar do Brasil Republicano. Tratando do universo das crianças dos bairros operários da cidade de São Paulo, Eliane Mimesse Prado, pós-doutora em História e doutora em Educação pela PUC/SP, no artigo *Embates acerca do ensino nas escolas elementares paulistanas nos anos iniciais do século XX*, objetivou desvendar o cotidiano das crianças que frequentavam as escolas elementares subsidiadas pelo governo da Itália e a relação com a aprendizagem da língua portuguesa e italiana.

Valendo-se das discussões do Congresso Internacional das Prisões e do Código de Menores de 1927, o artigo intitulado *O Código de Menores de 1927, o direito penal do menor e os congressos internacionais: o nascimento da justiça juvenil*, de autoria das pesquisadoras Maria Nilvane Zanella, doutoranda em Educação pela UEM, e Angela Mara de Barros Lara, pós-doutora em Educação pela UFSC, focaliza o peso da influência das organizações internacionais na consolidação de um modelo brasileiro, expresso no Código de Menores, de “adolescente em conflito com a lei”. Já Patricia Tavares Raffaini, pós-doutoranda pelo Departamento de História da FFLCH/USP, em *Cartas das crianças: reflexões sobre a leitura nas décadas de 1930 e 1940*, explora a rica documentação constituída pelas cartas de crianças do Brasil e dos Estados Unidos, a Monteiro Lobato e Laura Ingalls Wilder, respectivamente, identificando práticas de leitura e as particularidades da infância nesses dois países.

No artigo *A FEBEM e a assistência social em Pernambuco no contexto da Ditadura*, Humberto da Silva Miranda, professor do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), através dos relatórios de plantão, analisa o cotidiano das assistentes sociais na Fundação de Bem-Estar do Menor, na cidade de Recife dos anos 1970, trazendo uma valiosa discussão sobre concepções de infância, família e assistência,

materializadas pelas profissionais estudadas, num dos períodos mais nebulosos da ditadura civil-militar brasileira. Ainda sobre a década de 70, o dossiê apresenta o trabalho de Paulo Ricardo Muniz Silva: *Nem toda juventude é uma banda numa propaganda de refrigerantes: leituras sobre a juventude teresinense na década de 1970*. Nesse artigo, Silva, que é mestre em História do Brasil pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), recupera os múltiplos discursos, imagens e representações, veiculadas na imprensa escrita, sobre os *hippies* em Teresina durante os anos 1970.

Adotando, também, o tempo da ditadura como recorte temporal, o artigo de Sílvia Maria Fávero Arend, professora da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e Juliana Bender Ribeiro, graduada em História pela mesma instituição, *"Ninguém manda nestas crianças?" Educação escolar em foco na revista Realidade (1966-1970)*, se direciona às reportagens concernentes à educação infantil veiculadas na revista *Realidade*, entre 1966 e 1970, que, ao difundir os métodos pedagógicos vigentes nos Estados Unidos e na Europa, conforme as autoras, visou modernizar a educação escolar no Brasil através de “questionamentos das diretrizes do ensino tradicional”.

Evidenciando um olhar interdisciplinar sobre as crianças, Camila Rodrigues, pós-doutoranda em História pela FFLCH/USP, em seu texto *Vovô Joãozinho de chupeta: Correspondência de Guimarães Rosa para Vera Ooó e novas visões sobre a criança no século XX*, decifra os cartões-postais trocados, de setembro de 1966 a novembro de 1967, entre o escritor João Guimarães Rosa, o “Vovô Joãozinho”, e suas netas Beatriz Helena e Vera Lucia Tess (Ooó), localizando importantes registros de expressões de adultos e crianças na linguagem e no tempo.

*No olho do redemoinho, tudo muda ao nosso redor: a infância nas canções do rock nacional, década de 1980*, título do artigo de Elisângela da Silva Machieski, mestre em História pela UDESC, e Scheyla Tizatto dos Santos, doutoranda em História pela UFSC. Nele, as imagens da infância ressoadas pela produção musical, particularmente o rock, nos anos 1980, são profundamente discutidas e indagadas. O artigo seguinte, *Projetos políticos e políticas públicas para a infância pobre e abandonada na Bahia entre 1923 e 1942*, de Livia Gozzer

Costa, mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), mostra os resultados da pesquisa que visou a perceber a historicidade das transformações em torno do projeto de infância baiana, compreendendo o período que corresponde a atuação da Liga Baiana contra a Mortalidade Infantil (1923) ao trabalho desenvolvido pela Divisão de Amparo à Maternidade, Infância e Adolescência (1942).

Cláudia Gisele Masiero, mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, e Cristina Ennes da Silva, doutora em História Ibero-Americana pela PUC/RS, em “*Era uma vez...*” – *Reflexões sobre a representação da infância em versões de Chapeuzinho Vermelho*, apresentam a pesquisa que visou compreender as representações de infância que se encontram em duas versões de *Chapeuzinho Vermelho*: a versão original do conto de fadas, escrito pelos Irmãos Grimm no início do século XIX, e a animação *Deu a Louca na Chapeuzinho*, de 2005.

Fechando o dossiê, a resenha de Rui Bragado Sousa, mestre em História pela UEM, discute a recente tradução brasileira de *Rundfunkgeschichten für kinder*: livro de Walter Benjamim que contém suas narrativas radiofônicas, transmitidas entre 1927 e 1932, e direcionadas ao público infantil.

José Pacheco dos Santos Júnior

Doutorando em História Econômica na Universidade de São Paulo

Organizador do dossiê